

teatro 20 viriato



15 a 24 NOV'19

NEW/AGE NEW/TIME

MOSTRA DE DANÇA

DOSSIÊ DE
IMPRENSA

15 a 23 NOV **FORMAÇÃO**

FORMAÇÃO

LUGARES DO PÚBLICO NA DANÇA CONTEMPORÂNEA

COORDENAÇÃO PAULA VARANDA

15 NOV sex

20h40 / *Conversa pós-espetáculo*

com RUI CHAFES e VERA MANTERO

45 min. aprox.

16 NOV sáb

16h30 às 18h00 / *Oficina*

20 NOV qua

19h30 às 21h30 / *Oficina*

22 NOV sex

22h00 / *Conversa pós-espetáculo*

com RICARDO MACHADO

35 min. aprox.

23 NOV sáb

17h45 às 19h45 / *Oficina*

preço único 20€ (inclui todos os espetáculos)

15 NOV sex

19h30 // 35 min. // m/ 12 anos

COMER O CORAÇÃO EM CENA

RUI CHAFES E VERA MANTERO

preço 5€

16 NOV sáb **MASTERCLASS**

10h00 às 13h30

O CORPO PENSANTE

ORIENTAÇÃO VERA MANTERO

PROMOVIDA PELA COMPANHIA PAULO RIBEIRO

inscrições workshops@pauloribeiro.com

preço 10€

16 NOV sáb

21h30 // 70 min. (performance e conversa) // m/6 anos

INSTALAÇÃO DA DESORDEM – PROJETO EM MUTAÇÃO

CLARA ANDERMATT E MICKAELLA DANTAS

preço 5€

19 NOV ter

21h30 // 50 min. aprox. // m/ 12 anos

MUYTE MAKER

FLORA DÉTRAZ | COMPANHIA PLI

preço 5€

21 NOV qui

15h30 // 45 min. aprox. // Escolas (m/ 6 anos)

21h30 // 45 min. aprox. // m/ 6 anos

C_VIB

YOLA PINTO.SIMÃO COSTA

preço 5€ e 2€ (Escolas)

22 NOV sex

21h30 // 15 min. // m/ 12 anos

PONTO ÔMEGA

DIREÇÃO MADALENA VICTORINO E RICARDO MACHADO

preço 5€

23 NOV sáb

16h30 // 50 a 60 min. aprox. // m/ 6 anos

UM PONTO QUE DANÇA

SARA ANJO

preço 4€

24 NOV dom

16h00 // 90 min. aprox. // m/ 6 anos

LENTO E LARGO

JONAS & LANDER

preço 5€

TEATRO VIRIATO É PALCO PRIVILEGIADO

DA DANÇA CONTEMPORÂNEA NACIONAL COM CICLO *NEW AGE, NEW TIME*

Pela oitava vez, o Teatro Viriato promove o ciclo de dança contemporânea *New Age, New Time* (NANT), um programa incontornável no panorama artístico nacional que procura fomentar a discussão sobre a atualidade da dança contemporânea em Portugal, promovendo para isso infinitas possibilidades de leituras, de relações e de discurso, que a programação permite desenvolver.

Em Viseu, a dança contemporânea encontra um palco privilegiado que permite descobrir estéticas diversificadas, propostas de cruzamento com outras disciplinas e mostra que, acima de tudo, a dança se desenvolve, sem complexos de rasgar fronteiras.

Nesta edição, a programação apresenta obras de Rui Chafes e Vera Mantero, Clara Andermatt e Mickaella Dantas, Flora Détraz, Yola Pinto e Simão Costa, Madalena Victorino e Ricardo Machado, Sara Anjo, Jonas Lopes e Lander Patrick.

Uma das novidades deste ano é que o público será convocado a ser voz ativa na reflexão sobre os olhares que os espectadores desenvolvem sobre a dança contemporânea. *Lugares do Público na Dança Contemporânea* (15, 16, 20, 22 e 23 de novembro), que terá coordenação de Paula Varanda, tem como objetivo conhecer de onde vêm os espectadores, que relação têm com o que testemunham, que experiências e que perguntas trazem sobre a sua realidade e como se identificam com as obras artísticas. Esta nova rubrica será composta por oficinas e conversas no final de alguns espetáculos.

Cabe a Rui Chafes e a Vera Mantero a responsabilidade de abrir a NANT, com a performance *Comer o Coração em Cena* (15 de novembro). Inicialmente, foi criada para representar Portugal na *26ª Bienal de Artes Visuais de São Paulo*, em 2004, com o nome de *Comer o coração*. Em 2015, evoluiu para uma apresentação onde Vera Mantero se apresenta numa árvore. A peça passou a assumir o nome de *Comer o coração nas árvores*. Em 2016, foi criada uma nova escultura, pensada não só para apresentações em árvores de grande porte, mas também em outros locais. Na sua deslocação para as salas de espetáculo, a performance passa a intitular-se *Comer o coração em cena*.

Vera Mantero irá ainda orientar a masterclass *O Corpo Pensante* (16 de novembro), organizada pela Companhia Paulo Ribeiro, também no âmbito da NANT. Durante três horas e meia, os participantes são convidados a explorar os movimentos, ações, estruturas e desejos de composição através da relaxação, o uso da voz, a escrita, a respiração e a associação livre.

No dia 16 de novembro, Clara Andermatt e Mickaella Dantas apresentam *Instalação da Desordem – Projeto em mutação*. Um espetáculo, com um formato entre a conferência e a performance, que propõe uma reflexão profunda sobre o corpo, sobre a deficiência, e sobre as potencialidades de um corpo singular, na sua identidade própria e no contexto em que este se insere. *Instalação da Desordem – Projeto em mutação* explora as áreas artísticas da Dança, da Performance e da Fotografia.

Pela primeira vez no Teatro Viriato, Flora Détraz dá a conhecer *Muyte Maker* (19 de

novembro). A peça examina a alegria como afirmação física e existencial: a alegria como desejo, potencial criativo e como distorção física ou contradição, que vai contra a maré da moralidade.

Yola Pinto e Simão Costa trazem à NANT *C_Vib* (21 de novembro), quatro esculturas sonoras e um convite à contemplação ativa. O público é desafiado a ver, ouvir e a tocar o som. É também um espetáculo/concerto protagonizado por uma bailarina e um músico, em torno do mundo mágico destas esculturas que se revelam instrumentos de tocar e dançar.

No dia 22 de novembro, Madalena Victorino e Ricardo Machado apresentam-nos o seu *Ponto Ómega*, um lugar neutro, onde a questão da sexualidade está numa espécie de parêntesis, um sítio de indefinição.

Destinado aos mais pequenos, Sara Anjo apresenta *Um Ponto que Dança* (22 de novembro), uma performance que parte do livro com o mesmo nome. Uma obra que explora a imaginação figurativa e abstrata para contar o percurso e o movimento da vida de um ponto. Sara Anjo aborda a imensidão do movimento, prestando atenção à dança que acontece no corpo e no mundo à nossa volta.

A mostra de dança termina com *Lento e Largo* (24 de novembro), de Jonas Lopes e Lander Patrick, espetáculo desenvolvido ao abrigo do *Programa de Convite à Criação Artística Nacional*, da *Rede de Programação Cultural 5 Sentidos*. Com um ambiente cénico baseado e influenciado pelo trabalho de Hieronymous Bosch, Jonas Lopes e

Lander Patrick inscrevem intérpretes robóticos e humanos para criarem um apocalipse visual. *Lento e Largo* é uma qualidade específica da música clássica que descreve um determinado andamento e atmosfera inundados pela melancolia. A amplitude desta atmosfera influencia as ações e coreografias que podem transbordar do palco até os limites da sala.



© Júlio Silva Castro

15, 16, 20, 22 e 23 NOV

FORMAÇÃO

LUGARES DO PÚBLICO NA DANÇA CONTEMPORÂNEA

COORDENAÇÃO **PAULA VARANDA**

Criámos um espaço de trabalho com o público da dança contemporânea no Teatro Viriato, durante a New Age, New Time, porque queremos conhecer de onde vêm os espectadores, que relação têm com o que testemunham, que experiências e perguntas trazem da sua realidade e como se identificam com as referências e ficções das obras.

Este interesse é pertence a uma viragem do século XXI, onde vários campos de ação e pensamento têm contribuído para reforçar a participação ativa do público na sinergia de ações, simbolismos e reações que a criação e fruição cultural projetam nas sociedades democráticas. Nas políticas e nas organizações culturais o lugar do público tem ganho centralidade.

As conversas com os artistas serão momentos desejadamente dinâmicos de aproximação, revelação, esclarecimento e escuta, sobre as temáticas, processos de criação e intenções de comunicação. Nas sessões de trabalho com as pessoas que formam o público vamos classificar e analisar elementos das coreografias e procuraremos compreender porque adoramos, ou ficamos indiferentes ou até rejeitamos. Com a escrita e a fala vamos exercer a transmissão de opiniões para debater coletivamente este programa cultural.

Paula Varanda*

Investigadora doutorada pela Middlesex University (Londres).

Foi colaboradora do Jornal Público, Diretora Artística do Projeto Dansul e Diretora Geral das Artes.

*A autora escreve de acordo com o antigo acordo ortográfico

15 NOV sex

21h30 / **Conversa pós-espetáculo**

com **RUI CHAFES** e **VERA MANTERO**

45 min. aprox.

16 NOV sáb

16h30 às 18h00 / **Oficina**

20 NOV qua

19h30 às 21h30 / **Oficina**

22 NOV sex

22h00 / **Conversa pós-espetáculo**

com **RICARDO MACHADO**

35 min. aprox.

23 NOV sáb

17h45 às 19h45 / **Oficina**

preço único 20€ (inclui todos os espetáculos)

BIOGRAFIA

PAULA VARANDA

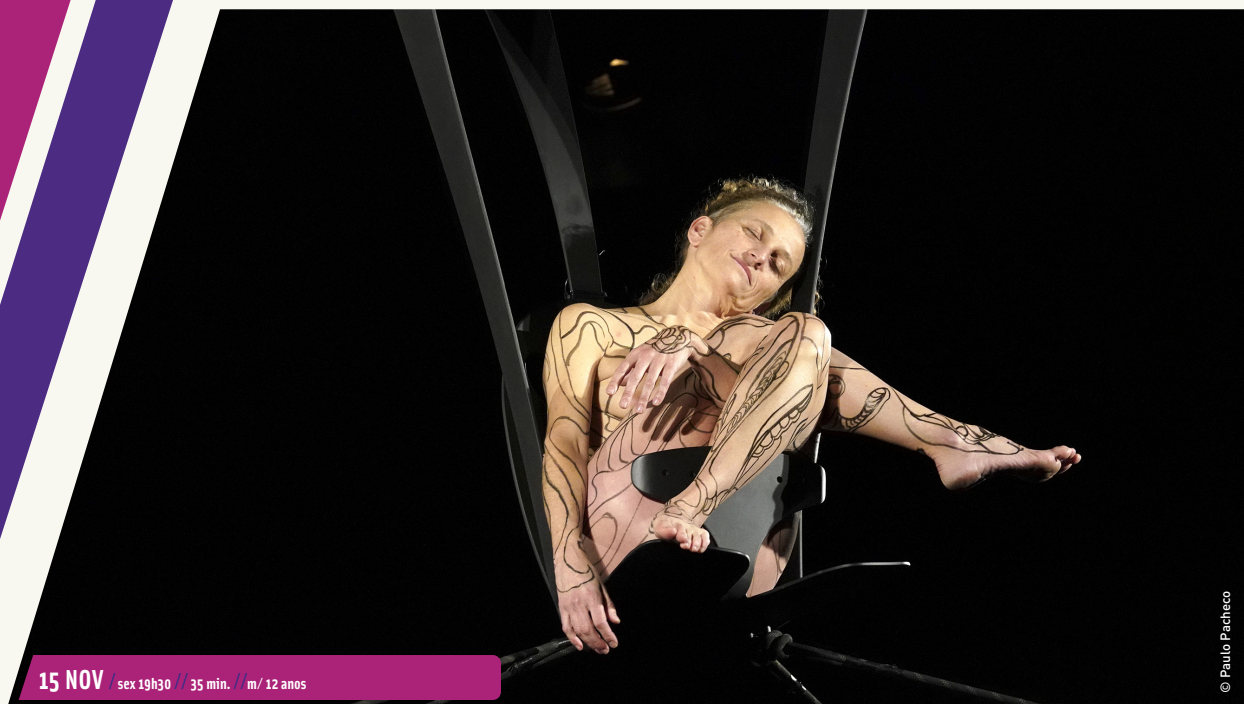
É doutorada em estudos artísticos e humanidades pela Middlesex University de Londres e tem a licenciatura pela Escola Superior de Dança em Lisboa.

Coordenou e produziu vários projetos artísticos, lecionou em diversas instituições e tem obra publicada, nomeadamente no campo da dança e da educação e da dança e novas tecnologias, de que destaca a colaboração com o Jornal *Público* como crítica e o livro *Dançar é Crescer – Aldara Bizarro* e o *Projeto Respira* (Caleidoscópio 2012).

Entre 2008 e 2015, foi diretora artística do projeto Dansul – dança para a comunidade no sudeste alentejano – realizado em parceria com quatro autarquias e várias escolas.

Foi Diretora-Geral das Artes no Ministério da Cultura (2016–2018).

Desde 2019 é investigadora integrada do Instituto de História da Arte em Lisboa (IHA_FCSH/UNL).



COMER O CORAÇÃO EM CENA RUI CHAFES E VERA MANTERO

"Um corpo que deixa para trás o chão, (...) Uma escultura que existe no ar (...)". Nas palavras de Alexandre Melo, Comer o Coração aposta no abandono do chão, na vertigem da ascensão. O acontecimento, escreve o crítico, "é o corpo de Vera Mantero, desenhado, instalado, coreografado, visto, vivo, suspenso de uma das esferas. (...) Escultura em ferro e corpo vivo (...)".

Comer o Coração é o título da obra que representou Portugal na 26ª *Bienal de Artes Visuais* de São Paulo, em 2004. Foi um trabalho de conceção e criação conjunta entre o escultor Rui Chafes e a coreógrafa e bailarina Vera Mantero que foi evoluindo entre a peça escultórica original e a atual escultura, assim como nos espaços de apresentação, acabando por ser renomeada de *Comer o Coração em Cena* na sua deslocação para as salas de espetáculo.

 Conceito original **Vera Mantero e Rui Chafes**

Performance **Vera Mantero**

Escultura e desenho **Rui Chafes**

Produção **O Rumo do Fumo**

O Rumo do Fumo é uma estrutura financiada por **República Portuguesa - Cultura/ Direção-Geral das Artes e Câmara Municipal de Lisboa**

 preço único 5€

 20h40 // 45 min.aprox.

CONVERSA PÓS-ESPETÁCULO
LUGARES DO PÚBLICO NA DANÇA CONTEMPORÂNEA
COM **RUI CHAFES E VERA MANTERO**
MODERAÇÃO DE **PAULA VARANDA**

SOBRE COMER O CORAÇÃO EM CENA

"É mais fácil voar até à lua do que 'saltar para fora de si próprio'. A expressão descreve uma impossibilidade. Porque a ninguém é dado 'sair da sua pele' e observar-se de fora. É certo que a consciência tem a faculdade de se alhear de si própria, de catapultar-se para um 'exterior' e de observar o mundo a partir dessa alteração de perspetiva. Porque as pessoas são todas 'feitas de uma casa e de uma abelha. Podem abandonar o Saber, e voltar lá para dentro'.

É na procura desse movimento, por muito breve que seja o impulso, que se reúnem a bailarina Vera Mantero e o escultor Rui Chafes. Explorar novos estados de existência, o outro lado da vida, utilizar para o seu trabalho o outro lado da nossa percepção limitada pelas convenções, é já uma constante no trabalho da coreógrafa. Há muito que Vera Mantero se libertou da categoria 'dança', há muito que trabalha com todos os meios de expressão: gestualidade, mímica, voz, fala, objetos que baralham a imagem do corpo. Os outros estados de existência, que ela analisa de forma experimental, são estados de impossibilidade, de que ela apenas pode aproximar-se: vivências nos limites do Nada, do Vazio, da Queda, da Ausência, da Morte.

Rui Chafes, por seu lado, procura alcançar o Impossível com esculturas de ferro: ferro que voa, que inscreve no vazio uma escrita subtil ou lança no ar enormes composições como se fossem passes de funam-

bulismo (...) ferro que, com a sua presença, torna em escultura o outro lado, a ausência; ferro que contém a ideia dos movimentos fugazes do corpo humano, sem nunca o representar; ferro que corre como um corte a rasgar a percepção. Com as suas esculturas de ferro, Rui Chafes circunscreve o Nada, escreve sinais no ar, ou deixa o metal ganhar formas orgânicas que parecem contrair-se e distender-se, como se possuísem força muscular.

Destes mundos opostos, movidos pelo mesmo impulso, surge pela primeira vez uma colaboração – uma escultura em que a bailarina é a peça central, o coração. Cada um trabalhou, porém, independente do outro. Rui Chafes só avançou para o contacto com Vera Mantero depois de concluídos os esboços; em conjunto, discutiram os pormenores de execução; depois ela criou uma coreografia para a escultura, da qual ele nada soube durante a preparação. (...)”

Doris von Drathen in catálogo *Comer o Coração* editado pelo Instituto das Artes, setembro 2004

BIOGRAFIAS

VERA MANTERO

Estudou dança clássica com Anna Mascolo e integrou o Ballet Gulbenkian entre 1984 e 1989. Tornou-se um dos nomes centrais da *Nova Dança Portuguesa*, tendo iniciado a sua carreira coreográfica em 1987 e mostrado o seu trabalho por toda a Europa, Argentina, Uruguai, Chile, Brasil, Canadá, Coreia do Sul, EUA e Singapura.

Dos seus trabalhos destacam-se os solos *Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois* (1991), *Olympia* (1993), *uma misteriosa Coisa, disse o e.e.cummings** (1996), *O que podemos dizer do Pierre* (2011), *Os Serrenhos do Caldeirão, exercícios em antropologia ficcional* (2012) e *Pão Rico* (2017), assim como as peças de grupo *Sob* (1993), *Para Enfastiadas e Profundas Tristezas* (1994), *Poesia e Selvajaria* (1998), *k(ə) su'pɔrte i s(ə)pare i kô'tej uʃ doʃf mu'duʃi ð'dule* (2002), *Até que Deus é destruído pelo extremo exercício da beleza* (2006), *Vamos sentir falta de tudo aquilo de que não precisamos* (2009) e *As Práticas Propiciatórias dos Acontecimentos Futuros* (2018).

Em 2013 e 2014, criou as instalações performativas *Oferecem-se Sombras* e *Mais Pra Menos Que Pra Mais* (em duas versões: em ocupação da plateia e proscénio da Culturgest em 2013, e em hortas urbanas criadas para a apresentação final do projeto em 2014, esta última numa parceria entre a Culturgest e o Maria Matos Teatro Municipal, no âmbito do projeto *Create to Connect*, financiado pela Comissão Europeia). Estes projetos, bem como *Limpo e o Sujo*, estreado no Teatro Maria Matos em abril de 2016, no âmbito do ciclo *As Três Ecologias*, que Vera Mantero comissariou com Mark Deputter e Liliana Coutinho, posicionam-se de forma clara relativamente a temas e preocupações fulcrais da atualidade: questões de sustentabilidade ambiental e económica, de coesão social e inclusão, de Cidadania.

O seu trabalho artístico tem sido amplamente reconhecido, com prémios institucionais como o *Prémio Almada* do Ministério da Cultura (2002) ou o *Prémio Gulbenkian Arte* pela sua carreira como criadora e intérprete (2009), ou através de iniciativas como a apresentação de uma retrospectiva do seu trabalho, organizada pela Culturgest em 1999, intitulada *Mês de março, Mês de Vera* ou a representação portuguesa na *26ª Bienal de São Paulo*, em 2004, com *Comer o coração*, uma obra criada em parceria com o escultor Rui Chafes. O influente jornal brasileiro *O Globo* elegeu *Os Serrenhos do Caldeirão, exercícios em antropologia ficcional*, como uma das 10 melhores peças de dança apresentadas em 2014.

A cidade do Fundão dedicou um ano à artista (abril 2015 – abril 2016), com um projeto intitulado *Passagem #2*, que inclui a apresentação de vários espetáculos, o trabalho com alunos de várias escolas locais e a recriação de *Comer o coração* para o circuito de arvorismo do Parque do Convento, no Fundão. A nova versão, designada *Comer o coração nas árvores*, foi apresentada em 2016, no Jardim da Sereia em Coimbra, para a qual Rui Chafes preparou uma nova escultura. Em 2019, apresenta-se em várias salas de espetáculo e assume o nome de *Comer o coração em cena*.

Integra, desde 2014, o elenco da versão portuguesa de *Quizoola!*, de Tim Etchells/Forced Entertainment, ao lado de Jorge Andrade e Pedro Penim. Foi convidada por Boris Charmatz para integrar *20 Dancers for the XX Century*, um arquivo vivo dos solos coreográficos mais represen-

tativos do século XX, que teve lugar na Tate Modern (Londres) e na Opéra de Paris/Palais Garnier (Paris) em 2015, no Tanzkongress na Staatsoper (Hannover) e no Museo Reina Sofía (Madrid), em 2016, e no qual participa com alguns dos seus solos dos anos 90. Colabora regularmente em projetos internacionais de improvisação, ao lado de improvisadores e coreógrafos como Lisa Nelson, Mark Tompkins, Meg Stuart e Steve Paxton.

Desde 2000 dedica-se igualmente ao trabalho de voz, cantando repertório de vários autores e cocriando projetos de música experimental. Leciona regularmente composição e improvisação, em Portugal e no estrangeiro.

Para mim a dança não é um dado adquirido. Acredito que quanto menos o adquirir mais próxima estarei dela. Uso a dança e o trabalho performativo para perceber aquilo que necessito de perceber. Deixei de ver sentido num performer especializado numa disciplina (um bailarino ou um ator ou um cantor ou um músico) e passei a ver sentido num performer especializado no todo. A vida é um fenómeno terrivelmente complicado e rico e vejo o trabalho que faço como uma luta contínua contra o empobrecimento do espírito, o meu e o dos outros, luta que considero essencial agora e sempre.

Vera Mantero

RUI CHAFES

Prémio Pessoa 2015.

Nasceu em Lisboa e formou-se em Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, em 1989. Estudou ainda na Kunstakademie, em Dusseldorf, Alemanha, e é um dos artistas portugueses contemporâneos com mais destaque internacional.

Trabalha sobretudo em ferro e expõe regularmente desde os anos 80, consolidando uma carreira que inclui diversas exposições em Portugal e no estrangeiro, bem como representante português na *Bienal de Veneza* (1995 com José Pedro Croft e Pedro Cabrita Reis) e a *Bienal de São Paulo* (2004, com o projeto conjunto com Vera Mantero). Em Portugal, expôs individualmente nas mais importantes instituições, como o Museu Serralves (com Pedro Costa), Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian e no Museu Coleção Berardo (com Orla Barry). No estrangeiro expôs em diversas instituições, tais como: S.M.A.K. (Gent, Bélgica); Folkwang Museum (Essen, Alemanha); Nikolaj Copenhagen Contemporary Art Center (Copenhaga, Alemanha); Fondazione Volume! (Roma, Itália); Fundação Eva Klabin (Rio de Janeiro, Brasil), e Hara Museum, com Pedro Costa (Tóquio, Japão).

A sua obra está presente em inúmeras coleções públicas, tais como: S.M.A.K. (Gent, Bélgica); Folkwang Museum Essen (Alemanha); Museum voor Moderne Kunst (Arnhem, Holanda); Esbjerg Kunstmuseum (Dinamarca); Museum Würth (Alemanha); Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa); Museu de Serralves (Porto); Museu do Chiado (Lisboa); Ellipse Foundation (Portugal); Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (Portugal); Caixa Geral de Depósitos (Lisboa), Centro Gallego de Arte Contemporânea (Santiago de Compostela, Espanha) e Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (Madrid, Espanha).

Tem diversas esculturas permanentes no espaço público em Portugal e no estrangeiro.

Em 2004, recebeu o *Prémio de Escultura Robert-Jacobsen* da Würth Foundation, Alemanha. Parte da sua atividade é dedicada à escrita, tradução e edição de monografias que acompanham o seu trabalho de escultura.

16 NOV / sáb 10h00 às 13h30

MASTERCLASS

© João Tuna



O CORPO PENSANTE

ORIENTAÇÃO VERA MANTERO

PROMOVIDA PELA COMPANHIA PAULO RIBEIRO

No âmbito da oitava edição da *New Age, New Time*, a Companhia Paulo Ribeiro promove a masterclass *O Corpo Pensante*, com a coreógrafa Vera Mantero.

A relaxação, o uso da voz, a escrita, a respiração e a associação livre são alguns dos meios propostos por Vera Mantero, para se chegar aos movimentos, ações, estruturas e desejos de composição que se poderá encontrar em cada indivíduo.

Explorar alguns deles separadamente, de forma a incorporá-los mais tarde em processos de improvisação, mais longos ou complexos, ou mesmo em processos de composição será também um dos desafios desta masterclass.

A coreógrafa irá ainda abordar os estados particulares de consciência, a atenção a sinais exteriores e interiores (awareness), o uso do espaço e a exploração de objetos e materiais.

Ironia e mãos vazias levarão todos os presentes mais longe ainda.

⚡ Local: **Sala de Ensaios do Teatro Viriato (Viseu)**

Público-alvo: **estudantes e profissionais da área da dança ou teatro, não profissionais com experiência nas áreas da dança ou teatro (m/ 16 anos)**

Lotação: **16 participantes**

Data limite de inscrições: **13 novembro**

Inscrições: **workshops@pauloribeiro.com**

⚡ preço único **10€**

VERA MANTERO

Estudou dança clássica com Anna Mascolo e integrou o Ballet Gulbenkian entre 1984 e 1989. Tornou-se um dos nomes centrais da *Nova Dança Portuguesa*, tendo iniciado a sua carreira coreográfica em 1987 e mostrado o seu trabalho por toda a Europa, Argentina, Uruguai, Chile, Brasil, Canadá, Coreia do Sul, EUA e Singapura.

Dos seus trabalhos destacam-se os solos *Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois* (1991), *Olympia* (1993), *uma misteriosa Coisa, disse o e.e.cummings** (1996), *O que podemos dizer do Pierre* (2011), *Os Serrenhos do Caldeirão, exercícios em antropologia ficcional* (2012) e *Pão Rico* (2017), assim como as peças de grupo *Sob* (1993), *Para Enfastiadas* e *Profundas Tristezas* (1994), *Poesia e Selvajaria* (1998), *k(ə) su'porte i s(ə)'pare i kō'tej uf dojɸ mu'dufi ð'dule* (2002), *Até que Deus é destruído pelo extremo exercício da beleza* (2006), *Vamos sentir falta de tudo aquilo de que não precisamos* (2009) e *As Práticas Propiciatórias dos Acontecimentos Futuros* (2018).

Em 2013 e 2014, criou as instalações performativas *Oferecem-se Sombras* e *Mais Pra Menos Que Pra Mais* (em duas versões: em ocupação da plateia e proscénio da Culturgest em 2013, e em hortas urbanas criadas para a apresentação final do projeto em 2014, esta última numa parceria entre a Culturgest e o Maria Matos Teatro Municipal, no âmbito do projeto *Create to Connect*, financiado pela Comissão Europeia). Estes projetos, bem como *Limpo e o Sujo*, estreado no Teatro Maria Matos em abril de 2016, no âmbito do ciclo *As Três Ecologias*, que Vera Mantero comissariou com Mark Deputter e Liliana Coutinho, posicionam-se de forma clara relativamente a temas e preocupações fulcrais da atualidade: questões de sustentabilidade ambiental e económica, de coesão social e inclusão, de Cidadania.

O seu trabalho artístico tem sido amplamente reconhecido, com prémios institucionais como o *Prémio Almada* do Ministério da Cultura (2002) ou o *Prémio Gulbenkian Arte* pela sua carreira como criadora e intérprete (2009), ou através de iniciativas como a apresentação de uma retrospectiva do seu trabalho, organizada pela Culturgest em 1999, intitulada *Mês de março, Mês de Vera* ou a representação portuguesa na 26ª *Bienal de São Paulo*, em 2004, com *Comer o coração*, uma obra criada em parceria com o escultor Rui Chafes. O influente jornal brasileiro *O Globo* elegeu *Os Serrenhos do Caldeirão, exercícios em antropologia ficcional*, como uma das 10 melhores peças de dança apresentadas em 2014.

A cidade do Fundão dedicou um ano à artista (abril 2015 – abril 2016), com um projeto intitulado *Passagem #2*, que inclui a apresentação de vários espetáculos, o trabalho com alunos de várias escolas locais e a recriação de *Comer o coração* para o circuito de arborismo do Parque

do Convento, no Fundão. A nova versão, designada *Comer o coração nas árvores*, foi apresentada em 2016, no Jardim da Sereia em Coimbra, para a qual Rui Chafes preparou uma nova escultura. Em 2019, apresenta-se em várias salas de espetáculo e assume o nome de *Comer o coração em cena*.

Integra, desde 2014, o elenco da versão portuguesa de *Qui-zoola!*, de Tim Etchells/Forced Entertainment, ao lado de Jorge Andrade e Pedro Penim. Foi convidada por Boris Charmatz para integrar *20 Dancers for the XX Century*, um arquivo vivo dos solos coreográficos mais representativos do século XX, que teve lugar na Tate Modern (Londres) e na Opéra de Paris/Palais Garnier (Paris) em 2015, no Tanzkongress na Staatso-per (Hannover) e no Museo Reina Sofía (Madrid), em 2016, e no qual participa com alguns dos seus solos dos anos 90. Colabora regularmente em projetos internacionais de improvisação, ao lado de improvisadores e coreógrafos como Lisa Nelson, Mark Tompkins, Meg Stuart e Steve Paxton.

Desde 2000 dedica-se igualmente ao trabalho de voz, cantando repertório de vários autores e cocriando projetos de música experimental. Leciona regularmente composição e improvisação, em Portugal e no estrangeiro.

Para mim a dança não é um dado adquirido. Acredito que quanto menos o adquirir mais próxima estarei dela. Uso a dança e o trabalho performativo para perceber aquilo que necessito de perceber. Deixei de ver sentido num performer especializado numa disciplina (um bailarino ou um ator ou um cantor ou um músico) e passei a ver sentido num performer especializado no todo. A vida é um fenómeno terrivelmente complicado e rico e vejo o trabalho que faço como uma luta contínua contra o empobrecimento do espírito, o meu e o dos outros, luta que considero essencial agora e sempre.

Vera Mantero



16 NOV / sáb 21h30 // 80 min. (performance e conversa) // m/ 6 anos

© Alípio Padilha

// **INSTALAÇÃO DA DESORDEM – PROJETO EM MUTAÇÃO**

CLARA ANDERMATT E MICKAELLA DANTAS

Um projeto de investigação com exploração das áreas da Dança, Performance e Fotografia, a partir de uma parceria entre a coreógrafa Clara Andermatt e a bailarina Mickaella Dantas.

Atualmente no formato de conferência/performance, introduzem-se temáticas relacionadas com a imagem, a publicidade e a ética, abrindo-se a outras que possam surgir e convocar relações entre arte, corpo e diversidade.

Assumidamente, este é um projeto em mutação. Nas diversas apresentações, o público é convidado a participar numa conversa. E é também a partir destes encontros e escutas, que o projeto vai crescendo, incorporando ideias e alterações. Desta vez com a moderação de Paula Varanda.

// Direção artística **Clara Andermatt**

Criação e interpretação **Clara Andermatt e Mickaella Dantas**

Fotografias **Stéphane Bechaud** (orientação de Yves Callawaert e Clara Andermatt)

Colaboração **Patrícia Portela, Vítor Rua e Jonas Runa**

Figurinos **Peças de Aleksander Protic**

Luzes **Clara Andermatt e José Álvaro Correia**

Músicas **Piece from the year of 1981** (Lepo Sumera); **Delilah** (The Sensational Alex Harvey Band, original: Tom Jones); **Jonas Runa e Clara Andermatt**

Produção **ACCCA – Companhia Clara Andermatt**

Estreou **22 e 23 de junho 2018 – O Negócio/ZDB** (Lisboa)

// preço único **5€**

BIOGRAFIAS

CLARA ANDERMATT

Nasceu em Lisboa em 1963. Estudou dança com Luna Andermatt e graduou-se pelo London Studio Centre e pela Royal Academy of Dance, em Londres. Integrou entre 1984-88 a Companhia de Dança de Lisboa (dirigida por Rui Horta), e entre 1989-91 a Companhia Metros, em Barcelona (direção de Ramón Oller).

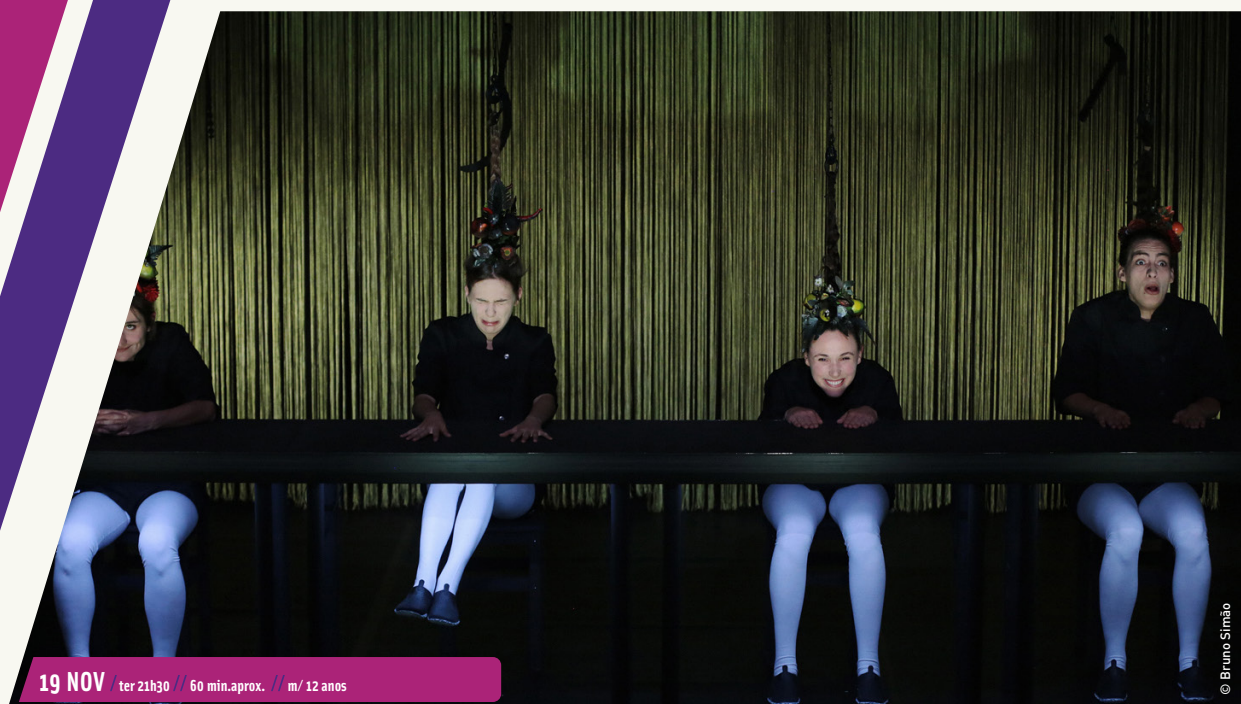
Com a sua Companhia (desde 1991), cria e produz numerosas obras, distinguidas com prémios e regularmente apresentadas em Portugal e no estrangeiro. É frequentemente convidada para orientar aulas e workshops e criar para outras companhias.

O seu percurso é marcado pela viagem, pelo encontro com outras culturas e outras linguagens artísticas, especialmente nas zonas de fronteira entre formatos e estilos, entre o corpo treinado e não treinado e o desejo de aproximação do outro, procurando sentir e perceber a singularidade de cada indivíduo.

MICKAELLA DANTAS

Mickaella Dantas é uma bailarina de origem brasileira, que vive no Reino Unido, e que tem desenvolvido o seu trabalho criativo na dança contemporânea e inclusiva.

Teve formação no PEPCC 2013/2014 - Forum Dança (Lisboa), entre outros workshops em vários países. Como intérprete e artista colabora frequentemente em Portugal com projetos de Clara Andermatt, Grupo Dançando com a Diferença, Ana Borralho e João Galante. No Brasil tem trabalhado com Carla Vendramin e Roda Viva Companhia de Dança. Atualmente, dedica-se ao projeto de sua autoria Experimento Frankenstein - Investigação Sobre Corpos Biomecânicos, e ao treino de trapézio de circo. Integra a Candoco Dance Company, em Londres.



// MUYTE MAKER

FLORA DÉTRAZ | COMPANHIA PLI

Através de uma exploração de imagens medievais, cantilenas triviais e pinturas grotescas, *Muyte Maker* celebra corpos desobedientes, anormais e irracionais. A peça examina a alegria como afirmação física e existencial: a alegria como desejo e potencial criativo e como distorção física ou contradição, que vai contra a maré da moralidade. As intérpretes cantam copiosamente, riem polifonicamente, dançam cegamente e tagarelam cacofonicamente, numa tentativa de traduzir toda a complexidade dos seus próprios corpos.

Com formação e percurso profissional dividido entre França e Portugal, Flora Détraz começou a desenvolver o seu trabalho como coreógrafa em 2013. *Muyte Maker* dá continuidade à sua pesquisa em torno da voz para lá do seu funcionalismo básico, relacionando-a com o movimento.

// Conceção **Flora Détraz**

Interpretação **Mathilde Bonicel, Inês Campos, Flora Détraz e Agnès Potié**

Cenografia e figurinos **Camille Lacroix**

Desenho de luz **Arthur Gueydan**

Desenho de som **Guillaume Vesin**

Colaboração artística **Anaïs Dumaine**

Produção **PLI**

Residências artísticas **Espaço Alcantara (PT), O Espaço do Tempo (PT), Les Éclat(s) Chorégraphiques (FR) e L'Avant-Scène (FR)**

Coprodução **CCN de Caen Normandie; Ramdam-un Centre d'Art (FR);**

Relais Culturel des Pays de Falaise (FR); Pact-Zollverein (DE);

La Place de la Danse CDCN (FR);

Le Réseau des Petites Scènes Ouvertes (FR), Alcantara (PT),

no âmbito da rede europeia DNA – DEPARTURES AND ARRIVALS

Apoio **Région Normandie, DRAC Normandie**

// preço único 5€

BIOGRAFIA

FLORA DÉTRAZ

Coreógrafa e performer. Frequentou o curso no Center Chorégraphique National Lyon, sob direção de Maguy Marin. Completou os estudos no PEPCC, Forum Dança em Lisboa. Teve a oportunidade de conhecer artistas como Marlene Freitas, Vera Mantero, Lia Rodrigues, Meredith Monk, Loïc Touzé, Meg Stuart, Jonathan Burrows, entre outros, que influenciaram o seu próprio trabalho.

Iniciou o seu trabalho como coreógrafa em 2013, sempre questionando a relação entre voz e movimento. Do seu trabalho pode-se destacar as seguintes peças: *Peuplements* (2013), *Gesächt* (2014), *Tutuguri* (2016), *Muyte Maker* (2018). Atualmente, trabalha como intérprete com Marlene Freitas, na peça *Bacantes-Prelúdio para uma Purga*.



21 NOV / qui 21h30 // 45 min.aprox. // m/ 6 anos

© Pedro Sousa



C_VIB

YOLA PINTO.SIMÃO COSTA

c_Vib são quatro esculturas sonoras e um convite à contemplação (inter)ativa. Cada peça sugere um imaginário mas também uma ação: contemplar, tocar, interagir, permanecer. O público é desafiado a ver, ouvir e a tocar o som.

É também um espetáculo/concerto protagonizado por uma bailarina e um músico, em torno do mundo mágico destas esculturas que se revelam instrumentos de tocar e dançar. Material ou imaterial?



ESPETÁCULO

Direção artística e interpretação **Simão Costa e Yola Pinto**

ESCULTURAS SONORAS

Direção artística e criação musical **Simão Costa**

Cocriação **Ágata Mandillo, Andre Bartetzki e Simão Costa**

Consultoria **Cláudia Castro, Miguelangelo Veiga e Perseu Mandillo**

Composição visualsonora | desmakingof **Pedro Andrade**

Coordenação científica **Mónica Lobo**

Programação informática e interatividade **MSM Studio**

Visualização 3D **VFX Portugal**

Assistência de construção **Rui do Ó**

Cofinanciamento **Direção Geral das Artes/Ministério da Cultura**

Apoio **Pavilhão do Conhecimento/Ciência Viva**



preço único 5€



15h30 // 45 min.aprox.

PARA ESCOLAS (M/ 6 ANOS)

lotação 2 TURMAS/SESSÃO

preço 2€

BIOGRAFIA

YOLA PINTO // BAILARINA E COREOGRAFA

Nasceu em Lisboa em 1974.

É licenciada em Arquitetura (1999). Depois de concluir o plano de formação em Dança Contemporânea no CEM (2000), estudou na School for New Dance Development (SNDD) em Amesterdão, também nesta cidade trabalhou com a Magpie Company (2001).

O seu trabalho multifacetado e multidisciplinar estrutura uma carreira artística com alargado espectro. Nas ultimas duas décadas foi possível encontrar Yola Pinto tanto em espaços alternativos, como institucionais. Hoje a ser desafiada como atriz de cinema [*Acordar* (2001) e *Mulher* (2008)], intérprete de Dança [*Caixa para Guardar o Vazio* (2006-2008), *Nova Bailarina* (2013-2016), *Perfinst museum* (2013-2014)], amanhã a trabalhar com reclusas numa prisão ou integrando o corpo de professores do CEM na área da dança (2003-2017), desenvolvendo contacto com públicos de variadas psicofisicalidades.

E tão provável encontrá-la numa passeadeira vermelha como no dia seguinte na estrada em tournée a apresentar os seus trabalhos como diretora e criadora [*Poeira de Estrelas* (coreografia e interpretação, 2015)] e [*Novo_Titulo Provisório* (encenação e coreografia, 2015/16)] e em seguida a desenhar e implementar instalações interativas.

Tem colaborado com músicos, artistas plásticos, desenhadores, arquitetos, coreógrafos, encenadores, às vezes como instrumento da criatividade dos outros, outras vezes em parceria e direção como é o caso da parceria com o músico e compositor Simão Costa em [*c_Vib* (codireção artística e interpretação 2012/16)] e [*Syn.Tropia* (2017)], ou em co-criação [*Linhas de Newton* (2014)] de Aldara Bizarro).

O motor destes desenvolvimentos vários e inequívoco: a dança, o movimento. Os apoios deste motor: a formação em arquitetura e o fascínio pelo desenho.

Na última década Yola Pinto tem vindo a afirmar o seu trabalho autoral, marcado por uma sensibilidade prática experiencial, aliada a um conhecimento técnico e teórico profundo das matérias que manipula e articula nos seus trabalhos.

O seu trabalho foi apresentado de norte a sul do território nacional assim como no Brasil, Holanda, Itália, Espanha e Hungria.

SIMÃO COSTA // MÚSICO E COMPOSITOR

Nasceu em 1979. Artista, compositor e pianista.

Dos trabalhos mais recentes destacam-se o disco *π_ANO PRE-CAUTION PER-CUSSION ON SHORT CIRCUIT* pela editora Shhhpuma, para piano solo, as esculturas sonoras interativas *c_Vib – cymatics Interactive Sound Boards*, a exposição individual *Silencio e Sinestesia* na galeria Mute em Lisboa e a participação como pianista em *Projeto Continuado 2015*.

Nos projetos que desenvolve tem colaborado regularmente com artistas e cientistas de diversas áreas e práticas.

Em 1998, terminou o curso de piano no Conservatório Nacional com 20 valores. Em 2002, dobrou com rigor o diploma da Escola Superior de Música de Lisboa e colocando-o no bolso de trás das calças, dando início em Roterdão ao seu trabalho de criação artística como autodidata.

Nos diversos materiais, contextos, suportes, formatos que escolhe para apresentar o seu trabalho estão presentes 3 características que se ex-

pressam isoladamente ou em inter-relação: compositor, pianista e criador de instrumentos/objetos/código informático.

O seu trabalho é um rizoma, geralmente subterrâneo, mas podendo também ter porções aéreas. O território estável deste rizoma é o SOM, na sua dimensão fenomenológica, percetiva, cultural, etc. Ou mais simples, alguém obcecado e apaixonado pelo SOM, como material plástico, tangível, físico.

O seu trabalho foi apresentado em Portugal, Espanha, França, Bélgica, Polónia, Holanda, Reino Unido, Grécia, Itália e Brasil.

É diretor artístico e membro fundador da Mao-SimMao – associacao cultural. Vive e trabalha em Lisboa.



22 NOV / sex 21h30 // 15 min. // m/ 12 anos

// PONTO ÓMEGA

DIREÇÃO MADALENA VICTORINO E RICARDO MACHADO

Haverá uma zona algures entre o feminino e o masculino. Um sítio de in-definição, ponto de chegada do feminino e ponto de partida do masculino, ou vice-versa. Este ponto ómega é um lugar neutro, onde a questão da sexualidade está numa espécie de parêntesis. Baliza-se tudo o que está em jogo, mas num equilíbrio peculiar.

// Direção **Madalena Victorino e Ricardo Machado**

Interpretação **Mia Distonia e Ricardo Machado**

Música **Pedro Salvador**

Produção **Largo Residências**

Coprodução **Teatro Nacional D. Maria II**

Esta performance foi desenvolvida no âmbito do projeto

Companhia Limitada – Estação Terminal

// preço único 5€

lotação 16 lugares

// 21h50 // 35 min. aprox.

CONVERSA PÓS-ESPETÁCULO

LUGARES DO PÚBLICO NA DANÇA CONTEMPORÂNEA

COM **RICARDO MACHADO**

MODERAÇÃO DE **PAULA VARANDA**

BIOGRAFIAS

MADALENA VICTORINO

Coreógrafa, professora e programadora. Estudou e formou-se em dança contemporânea, composição coreográfica e pedagogia das artes no The Place, London School of Contemporary Dance, no Laban Centre/Goldsmith's College, University of London e na Exeter University nos anos 70 e 80 no Reino Unido. Desde então, vive em Portugal e nestas últimas 3 décadas, o seu trabalho tem-se evidenciado pela criação de muitos projetos culturais e artísticos de dimensão comunitária, que sempre se vocacionam para a aproximação entre discurso e prática artística e a sociedade em geral.

Interessa-se também pelo público jovem e cria no Centro de Pedagogia e Animação do Centro Cultural de Belém, entre 1996 e 2008, o primeiro espaço em Portugal, de programação de fruição artística internacional para um público jovem.

Leciona em múltiplas instituições de Ensino Superior.

Cria múltiplas peças coreográficas que frequentemente envolvem pessoas de idades e com experiências de vida muito diferentes e intérpretes profissionais. Tem ganho vários prémios com os seus projetos. O seu trabalho é reconhecido pela sua carga humanística.

Vive preocupada com a importância da educação artística de cada e todas as pessoas.

RICARDO MACHADO

Coreógrafo e intérprete regular em múltiplos contextos das artes performativas, contemporâneas, integrando habitualmente núcleos de pesquisa transdisciplinares em regime de cocriação artística.

Trabalhou como intérprete e cocriador com diversos coreógrafos e encenadores, tais como Aldara Bizarro, Né Barros, Carlos Silva, Moncho Rodriguez, Victor Hugo Pontes, Rui Lopes Graça, Marielle Morales, Joana Antunes, Olga Roriz, Karine Ponties, entre outros.

Nos últimos anos tem trabalhado com Anna Réti, Ido Batash, Madalena Victorino e Circolando.

O grande motor da sua presença artística é, invariavelmente, o movimento, e a sua área de criação, a dança – em situações formais puras (a sala de teatro), mas também nas que são ditadas pelo próprio espaço e contexto da criação.

A sua afeição temática mais recorrente é a de um questionamento do modo de estar performativo e do lugar da audiência. O seu *modus operandi* é a procura da ficção do real. *REI-SOL*, *L'après-midi d'un sportif*,

Ponto Ómega, *MARKULUS* e *Point of You* dão nome às primeiras propostas que assinou, a última delas criada e estreada em Budapeste, com Anna Réti, e apresentada na edição de 2016 do Springforward/Aerowaves, como um dos 20 trabalhos prioritários da edição Twenty16.



23 NOV / sáb 16h30 // 50 a 60 min. aprox. // m/ 6 anos

// UM PONTO QUE DANÇA

SARA ANJO

Quantas vezes nos sentimos um ponto no meio da imensidão? E quantas vezes imaginamos que esse ponto está ligado a tudo à nossa volta através de mil e um outros pontos? *Um Ponto que Dança* é uma performance que explora a imaginação figurativa e abstrata para contar o percurso e o movimento da vida de um ponto: conta as suas danças de pequeno até adulto, os desafios para encontrar um lugar no mundo e finalmente, a sua liberdade.

Através do livro *Um ponto que dança*, esta leitura encenada de Sara Anjo aborda a imensidão do movimento, desde os mais pequenos e quase invisíveis, como o piscar de olhos ou o dobrar do dedo mindinho, até aos enormes, como o movimento das nuvens no céu, ou o trânsito rápido e veloz dos carros na rua. Procura um espaço de profunda atenção à dança que acontece no corpo e no mundo à nossa volta.

// Criação e orientação **Sara Anjo**

Cenário **Martina Manyà**

Sonoplastia **Artur Pispalhas**

SOBRE O LIVRO **UM PONTO QUE DANÇA**

Texto **Sara Anjo**

Ilustração **Martina Manyà**

Design **Silvia Prudêncio**

Editora **Whitepaper**

// preço **4€**

lotação 50 lugares

SARA ANJO

Nasceu na primavera de 1982, na ilha da Madeira, na terra dos funchos, planta da qual se fazem rebuçados. Assim teve uma infância doce nessa cidade chamada Funchal e que tem a forma de um auditório. Habitou-se a ver diariamente o espetáculo das nuvens a dançarem no céu e no mar as ondas a transformarem-se em carneirinhos quando o vento soprava com muita força. Inspirada por esse espetáculo decidiu dedicar-se à dança, a arte de pôr os corpos e as coisas em movimento.

Um dia ganhou coragem mergulhou nas águas profundas do Oceano Atlântico, apanhou as correntes rápidas do mar e foi viajar e dançar por outras terras. Desde então navega à deriva, segue a força do vento e das marés, às vezes perde o norte, mas sabe que sempre que chega a uma sala de espetáculos, chega a bom porto.

Tem desenvolvido peças para a infância, onde trabalha a relação entre imaginação figurativa e abstrata. Nesse contexto criou e interpretou *Procuram-se Pés de Bailarina*, em colaboração com Teatro do Silêncio (2013); *Tudo no Mundo Começou com um Sim*, uma colaboração com o compositor e pianista Filipe Raposo (Fábrica das Artes – CCB, 2016) e as *Estrelas Lavam os Teus Pés* (Fábricas das Artes – CCB 2018). Publicou o livro *Um Ponto que Dança* com o qual tem feito espetáculos e oficinas.



24 NOV / dom 16h00 // 90 min. aprox. // m/ 6 anos

© Tiago Coelho

LENTO E LARGO

JONAS & LANDER

Com um ambiente cénico baseado e influenciado pelo trabalho de Hieronymus Bosch, Jonas Lopes e Lander Patrick inscrevem intérpretes robóticos e humanos para criar um apocalipse visual. Numa paisagem irreal, esses intérpretes socializam, dançam, beijam, ordenam e obedecem, de igual para igual. São explorados os limites do virtuosismo performativo, mais ou menos subtil, de cada um. A capacidade robótica de voar sobre a audiência contrasta com, por exemplo, a capacidade humana de beijar dilatando e esbatendo as fronteiras de ação de cada organismo. Estes robôs darão músculo a um universo absurdo vestindo e expondo materiais orgânicos como peles, escamas ou chifres inspirados na taxidermia pária de Enrique Gomez de Molina.

Lento e Largo é uma qualidade específica da música clássica que descreve um determinado andamento e atmosfera inundados pela melancolia. A amplitude desta atmosfera influencia as ações e coreografias que podem transbordar do palco até os limites da sala.

Direção artística, coreografia e interpretação Jonas Lopes e Lander Patrick

Interpretação Ana Vaz, Lewis Seivwright e Mathilde Bonicel

Intérprete estagiária Francisca Pinto

Cenografia e adereços Rita Torrão

Cenografia, desenho de luz e direção técnica Rui Daniel

Assistência técnica e à robótica Joana Mário e Filipe Metelo

Make up Filipa Vieira da Silva

Produção Sinistra Associação Cultural

Coprodução Rede de programação cultural 5 Sentidos, no âmbito do

Programa de Convite à Criação Artística Nacional (Centro de Arte de Ovar, Centro Cultural Vila Flor, O Espaço do Tempo, Teatro Académico Gil Vicente, Teatro Micaelense, Teatro Municipal da Guarda, Teatro Municipal do Porto, Teatro Nacional São João, Teatro Virginia e Teatro Viriato);

Teatro Freiburg (DE) e Teatro do Bairro Alto

preço 5€

lotação 50 lugares

JONAS & LANDER

Têm contribuído para o imaginário um do outro desde 2011, experienciando paradigmas contrastantes em experiências de âmbito pessoal e profissional.

Cascas d'Ovo (2013) revela a sua inscrição como profissionais da área artística, construída nos jardins públicos de Lisboa e Guimarães com cães e pardais como audiência à força, que os levou a reconhecer o poder de comunicação dos seus corpos. Literalmente e metaforicamente começaram a andar de olhos vendados percorrendo vários teatros europeus e da América do Sul, sendo ainda selecionados como Aerowaves Priority Company 2014.

Das suas obras seguintes destacam-se *Matilda Carlota* (2014), *Arrastão* (2015) e *Adorabilis* (2017), esta última criação integrando novamente a seleção de Aerowaves Priority Company 2017.

Ainda em 2017 são selecionados para *Programa de Convite à Criação Artística Nacional* da Rede 5 Sentidos com o projeto *Lento e Largo*, a estreitar em 2019, em coprodução com a Rede 5 Sentidos, o Theater Freiburg (DE) e o Teatro do Bairro Alto.

Em 2019, criam, além também *Coin Operated*, uma performance a convite da *BoCa – Bienal of Contemporary Arts*.

VIRIATO TEATRO MUNICIPAL

Largo Mouzinho de Albuquerque

Apartado 2087 EC Viseu · 3501-909 VISEU

BILHETEIRA de seg a sex, das 13h00 às 14h30 e 17h30 às 19h00.

Em dias de espetáculo noturno das 18h00 às 22h00.

GERAL 232 480 110

SITE www.teatroviriato.com

E-MAIL geral@teatroviriato.com

MAIS INFORMAÇÕES:

Ana Filipa Rodrigues • *Comunicação e Imprensa*

E-mail anarodrigues@teatroviriato.com

Telefone 232 480 117

teatroviriato

estrutura financiada por

